

## A biopolítica dos corpos: práticas de governo e representações de gênero em manuais alimentares para portadores de HIV/AIDS presentes nas escolas

### Resumo

Este artigo discute os aparatos discursivos e imagéticos da cartilha “Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV/AIDS”, do Ministério da Saúde (2006), distribuída nas escolas e órgãos da saúde. Com fundamentação teórica de Michel Foucault sobre saber-poder, analisa como tais aparatos contribuem para a constituição de subjetividades, autocontrole, disciplina, representações de gênero. Tais representações foram analisadas a partir das seguintes categorias: higiene alimentar; governo dos corpos; autoconhecimento alimentar; medicalização da anormalidade; estética e cuidado corporal; representação social da mulher. Tal investigação evidencia que comportamentos específicos são delegados ao sujeito portador de HIV/AIDS, e que as imagens das mulheres apresentadas na cartilha, são como cuidadoras, donas de casa; tornando corpos alvos de normas referentes a um regime alimentar de vigilância e cuidados diários. Manuais como estes, são significativos documentos de investigação, que carregam indícios das marcas históricas, práticas de conduta internalizadas pelas sociedades, a produção de subjetividades acerca da doença, devendo ser contextualizados e discutidos, pois estão presentes nas escolas com determinadas intenções e contradições passíveis de desconstrução.

**Palavras-chave:** Manuais; AIDS; Gênero; Disciplina.

**Cristiane de Castro Ramos Abud**  
Secretaria Municipal De Educação/PMF  
nani.castro@bol.com.br

**Gladys Mary Ghizoni Teive**  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
UDESC  
gladysteive@gmail.com

(...) somos prejudicados, sobrepujados por estes ciúmes e desconfianças, e apreensões de doenças, antes mesmo de podermos dizer que estamos doentes; não estamos certos de estar doentes; uma das mãos pergunta ao pulso da outra, e nosso olho pergunta à nossa urina como estamos [...] somos atormentados pela doença, e mal conseguirmos esperar que o tormento comece [...]

(*Devotions upon Emergent Occasions*. Johnn Donne. 1624).

## 1. O MANUAL

Um homem jovem, magro, está à janela, com uma das mãos na barriga e de olhos fechados, contempla o aroma da comida sendo feita atrás dele por uma senhora gorda, baixa, com um lenço na cabeça mexendo uma panela, talvez sua “cuidadora”. O sujeito portador de AIDS está aguardando sua refeição dentro de casa, ou seja, deve permanecer distante, confinado, isolado da sociedade e precisa de cuidados, como pela senhora da imagem.

A cozinha parece pequena, mas bem equipada e colorida, panelas penduradas na janela, geladeira, armários na parede azulejada, pratos organizados no escorredor de louça, utensílios e temperos a vista, muitas frutas e verduras completam o cardápio.

Essa é a imagem de capa da cartilha “Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV/AIDS”, elaborada pelo Programa Nacional de DST e AIDS do Ministério da Saúde, publicada em 2006 e distribuída em todo país<sup>1</sup>. O objetivo desta publicação, segundo consta na sua apresentação era de auxiliar no cotidiano alimentar, nas práticas saudáveis, na higiene segurança alimentar e nutrição das pessoas com HIV/AIDS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p.06). Em Florianópolis, mais especificamente, ela está presente nas escolas da rede municipal de ensino como material de divulgação e utilizado pelo Programa Saúde Escolar.

---

<sup>1</sup>O Ministério da Saúde distribuiu cerca de 40 mil exemplares da cartilha “Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV/AIDS” e 70 mil do folhetos com 10 passos para melhorar a qualidade de vida, direcionados para pessoas que vivem com HIV/AIDS. O material faz parte das ações da Campanha de Prevenção Positiva e foi encaminhado aos serviços de saúde que atendem pessoas vivendo com HIV/AIDS, educação e prevenção nas escolas e organizações da sociedade civil. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2007/ministeriolanca.htm](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2007/ministeriolanca.htm). Acessado em dezembro/2013.



Figura 1. Capa da cartilha *Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV/AIDS*.

Através da análise do conteúdo dessa cartilha, discute-se aqui, como esses aparatos discursivos e imagéticos, através do cuidado e do controle da alimentação, contribuem na constituição de subjetividades, sexualidade, de gênero e comportamentos determinados e, ao mesmo tempo, produzem representações de gênero e sexualidade entorno do sujeito portador de HIV/AIDS.

A saúde, a doença, a morte, a higiene, o corpo e suas relações, a alimentação são campos férteis na investigação historiográfica, pois nos dão vestígios das representações e imaginários sociais e culturais que articulam saberes e significados historicamente construídos e passíveis de análises neste campo,

A doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social: a esse respeito ela torna frequentemente mais visíveis articulações essenciais do grupo, as linhas de força e as tensões que os transpassam. O acontecimento mórbido pode, pois, ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real de mecanismos administrativos ou das práticas religiosas, as relações entre poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesmo (REVEL & PETER, 1995, p.144).

A produção de cartilhas como a investigada, fabricam discursos que normatizam e legitimam práticas e condutas, ligados a hábitos, cuidados e autocontrole dos corpos com relação aos seus desejos e prazeres, em nome da normalidade e do sujeito saudável, e na

outra esfera reforçam saberes do que seria estar fora dos padrões desejáveis e de comportamentos desviantes.

Neste sentido, a disciplina e as táticas de governo dos corpos comportam um conjunto regras, técnicas, e procedimentos para a internalização de códigos de conduta culturalmente aceitáveis e necessários para uma determinada época ou sociedade (FOUCAULT, 2001, p.143).

No caso da AIDS, tem-se o cuidado não só com medicamentos, pesquisas, campanhas publicitárias, mas de cartilhas e manuais com o objetivo de interferir na moral, nos costumes, além da imposição de diagnósticos, prescrições, cuidados específicos, com uma preocupação com o organismo, com o sujeito prevenido, disciplinado, contido em suas ações e hábitos para que não dissemine a doença.

Moral entendida aqui, como uma “possibilidade de perceber as formas pelas quais os indivíduos se submetem, ou não, a princípios de condutas que lhes são impostos”, e também, “às formas pelas quais os indivíduos respeitam ou negligenciam um determinado conjunto de valores” (SILVA, 2003, p.25).

Culpa, controle, rejeição, morte social e cuidado traçam a relação do doente com seu corpo, para Foucault (1985, p. 61), “na cultura de si, o aumento do cuidado médico foi claramente traduzido por uma certa forma, ao mesmo tempo particular e intensa, de atenção ao corpo”.

Os discursos, imagens e argumentos científicos que legitimam esse cuidado ganham materialidade na cartilha aqui em análise, tratada como um manual na medida em que prescreve, educa, inscreve leituras e apropriações sobre os sujeitos (CHARTIER, 1992). O manual propõe determinadas condutas, cuidados e códigos alimentares para a produção de uma dietética e regime alimentar específicos para o sujeito aidético, como um dispositivo privilegiado na produção de subjetividades, através de opiniões, conselhos, recomendações, textos práticos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados (FOUCAULT, 1994).

A alimentação e dietética tiveram um papel histórico fundamental nos processos identitários dos sujeitos, estendendo-se aos novos discursos dietéticos médicos e de

controle do corpo e sua relação com a alimentação, pode-se, aqui, fazer uma contraposição entre a dietética para os gregos – entendida como um “regime geral de existência do corpo e da alma”, como “uma das formas capitais do cuidado de si” (FOUCAULT, 2004, p.74) – e os infinitos cuidados com o corpo de agora, em que trocamos, ao que parece, um cuidado de si como forma de relacionar-se e inquietar-se consigo para preocupações sobre ações individuais que giram em torno de como obter um corpo fisicamente melhor e de prolongar a juventude, etc. Afinal, “força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam o valor da pessoas e condicionam suas ações” (ORTEGA, 2002, p.157).

Os cuidados com a alma, a moral e a saúde definem historicamente o significado do regime, “uma arte de viver”, em nome da “boa saúde e do bom estado da alma” (FOUCAULT, 1990, p.94). Quanto mais eficaz o regime, mais o homem se tornará consciente, ativo, em harmonia consigo, adquirindo caráter político e social.

Essas técnicas em mecanismos de controle que capturam os sujeitos, seus corpos e desejos para torná-los mais educáveis e dóceis fazem parte do biopoder empregado sobre a AIDS, principalmente entre a década de 1980 a 2011<sup>2</sup> com a divulgação de campanhas de prevenção e discursos médicos, onde a noção do risco está associada ao controle da vida associado ao medo da morte,

Este biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que foi garantido por conta do controle dos corpos e ajustamentos dos fenômenos de população. Interligado a isso ocorreu, a partir do século XVIII, uma proliferação das tecnologias que se preocupam com a saúde, as maneiras de se alimentar, de morar e as condições de existência da população (AMORIM, 2012, p.3).

A vida cotidiana, íntima passa a ser objeto de controle do biopoder, através do governo e da regulação da experiência corporal, o discurso da dietética não se restringe a

---

<sup>2</sup> Pesquisa realizada por Santos, Luis Henrique S. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

normatização do regime alimentar, mas também envolve um conjunto de regras nutricionais necessárias aos sujeitos, “cuidados pessoais cada vez mais interiorizados e, simultaneamente, cada vez mais explicitados e identificados com a civilidade, irão compor a higiene e a saúde contemporâneas (VIGARELLO, 1988, p.25)”.

A análise das imagens femininas da cartilha também possibilitou a percepção de determinadas categorias direcionadas às mulheres como sexualização dos espaço doméstico, cuidados com o corpo e estética, padrões constituídos historicamente por diferentes aparatos discursivos que inferem saberes e representações sociais e culturais, muitas vezes hierárquicas, estigmatizantes e excludentes.

## 2. PADRÃO ALIMENTAR

O primeiro Capítulo da apostila intitulado “O que é a alimentação saudável?”, exibe uma figura que, além de colorida a imagem destaca um determinado tipo de alimentação, baseada em alimentos que contribuem com a regulação da flora intestinal, naturais e em pouca quantidade, a cartilha alerta em seu texto, sobre a necessidade desses alimentos para minimizar problemas de saúde das pessoas portadoras do HIV, como “diarréia, Síndrome de Lipodistrofia e todos outros sintomas” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, p.7). A relação da alimentação está, neste caso, atrelada a manutenção da saúde ou caso contrário, ao risco desta em se optar por não consumir esses alimentos. O regime dentro da dietética (FOUCAULT, 1994), não aborda somente a escolha dos alimentos (*sitia*), mas outras preocupações com a saúde, dentro de regras e padrões que se infringidos causam punição, marcas e consequências preocupantes.

Para não parecer uma alimentação restrita, a cartilha apresenta um cardápio alimentar como exemplo de uma alimentação saudável e atrativa, com exemplos dos benefícios dos seus nutrientes, receitas, e com a seguinte imagem como abertura do Capítulo, “Exemplos de alimentação saudável”:

A memorização dos alimentos está inscrita nos exemplos das imagens da cartilha, com sujeitos a observar uma variedade de alimentos para escolher e, ao mesmo tempo, a dúvida pela variedade aparente presente no cardápio apresentado pela cartilha.

O cardápio representa uma regra diária a seguir, com uma ordem específica, quantidades, horários, uma prática disciplinar de vigilância contínua, permeada de detalhes contra os excessos e desvios.

O sujeito portador de HIV/AIDS constitui sua identidade ao seguir a cartilha e ao executar procedimentos de autocontrole e cuidados de si, produzindo técnicas que são aperfeiçoadas, ensinadas e refletidas na sua subjetividade.

A escrita do cardápio diário sugerido pela cartilha materializa a vigilância e a observação sobre si,

Para que a boa gestão do corpo venha a ser uma arte da existência, ela deve passar por uma colocação na escrita, efetuada pelo sujeito a propósito de si mesmo; através da escrita ele poderá adquirir sua autonomia e escolher o conhecimento de causa o que é bom e o que é mau para ele (FOUCAULT, 1994, p.98).

### 3. HIGIENE ALIMENTAR

A cartilha enquanto manual prescreve e aconselha práticas higiênicas para com os alimentos. Possui capítulos instrutivos que determinam aos leitores como: comprar, preparar, lavar, guardar uma gama de alimentos; sempre chamando a atenção para a importância da higiene, aparência dos alimentos, melhor época de comprar uma fruta ou hortaliça, técnicas de higienização e desinfecção, como descascar, picar, para um “preparo e consumo corretos”, como um guia a ser utilizado a todo instante (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p.23).

Princípios e cuidados que também fazem parte de uma educação para a civilidade, na medida em que atua sobre a conduta e hábitos dos leitores, chegando aos lares e as famílias, como na figura abaixo:



Figura 02. Como preparar os alimentos. pg.25

A família consciente de seu papel está feliz por demonstrar sua aprendizagem diante da higiene, cuidado e preparo com os alimentos, prestando atenção a si e ao seu redor, com práticas de limpeza, para tornar-se saudável. Exemplo, ainda, da concordância e da importância da intervenção do discurso médico, científico, a família é o reflexo do discurso higiênico, a criança representa na imagem a continuidade desse saber, uma educação civilizatória,

A família agora nuclearizada e organizada em torno das crianças, não escapa à nova ordem, sofrendo profundo impacto no modo como se passou a conceber o que é ser humano e como este deve organizar a sua vida cotidiana em torno daquilo que é instituído pelo discurso da ciência como regular e normal (LOCKMANN & BRODT, 2010, p.233).

Além disso, representações sobre a sexualização do espaço doméstico destinado às mulheres estão presentes nesta figura. É à imagem feminina que o menino mostra uma fruta como se estivesse aguardando sua aprovação, ela que teria este “poder” legitimado sobre os saberes referente ao universo doméstico. A ela compete à tarefa principal da cozinha, lavar a louça; devidamente fardada, avental e cabelos protegidos, para o homem a auxiliar secando a louça.



Neste sentido, a cartilha produz uma educação higiênica e de gênero, enquanto manual, se coloca como “dispositivo privilegiado no que se refere à produção de novas subjetividades, identificadas com as atenções a dispensar a si mesmo, produzir-se como sujeito de uma higiene, uma educação e uma conduta próprias à urbanidade, e afinal, civilizadas (STEPHANOU, 2004, p.12)”.

#### 4. GOVERNO DOS CORPOS

O capítulo da cartilha intitulado, “Cuidando das defesas do corpo”, ilustra uma imagem repleta de significações e representações sobre o corpo dos portadores de AIDS. Um homem alto, magro, somente de calção se olha a frente de um grande espelho.

O olhar no espelho revela a preocupação constante do sujeito com sua aparência, a estética da doença lhe revelaria diante do olhar público, o corpo refletido não lhe pertence, é consumido pela doença, pelos seus estigmas, cuidados, pelo controle dos desejos, pela anatomia do detalhe, da prescrição dos códigos disciplinares, sejam eles científicos, médicos ou culturais.

A culpa pelo não cuidado socialmente adequado com o corpo, seja pelo uso de drogas ou por relações sexuais, o denuncia, castiga, a preocupação e o medo para com os sintomas da doença sobre o corpo é o fardo a carregar, “mostrar a pele é uma maneira de sugerir o desarranjo do sistema imunológico no interior do corpo” (CORBIN & VIGARELLO, 2009, p.34). A cartilha lista uma série de sintomas que assolam o doente tais como: perda de peso, falta de apetite, náuseas e vômitos, infecções, problemas respiratórios, diarreia, feridas na boca, gânglios na região do pescoço, boca seca, constipação intestinal, azia, febre, suores noturnos, gases intestinais, entre outros.

Este discurso da doença contra uma possível epidemia produz sentimentos e emoções, como o medo e o risco da morte presentes nas descrições de cada sintoma da apostila, onde o tratamento tem por objetivo interferir sobre o corpo, seus usos e desejos,

A idéia de noção de risco, cada vez mais presente desde a década de 1990 na Saúde Pública, tenta educar a população sobre a importância do uso do preservativo. Para tanto, essa noção de risco tornou-se um investimento no autocontrole e mudança de comportamento dos próprios sujeitos do risco (AMORIM, 2012, p.1).

A imagem da “morte anunciada” refletida no espelho está sempre a espreita do sujeito portador de AIDS, seus “sinais corporificados” (GOFFMAN, 1982, p. 70), entre a vida e a morte, o seu emagrecimento é um dos sinais denunciadores da doença, representado visualmente no filme “Cazuza” de 2004, onde seu protagonista têm seu corpo cada vez mais fragilizado pela doença, uso de drogas e uma vida “desregrada”.

O papel do risco com relação à morte dos doentes de AIDS atua como dispositivo na constituição de novas formas de saberes, estimativas estatísticas, procedimentos medicamentosos e conceitos no campo médico e ao mesmo tempo, uma estratégia quanto ao poder disciplinar através da biopolítica para o controle dos corpos dóceis, úteis e saudáveis, um cuidado que representa a coletividade quando o sujeito de olha no espelho, ele não vê somente ele, mas toda uma sociedade.

A medicalização da anormalidade, dos desvios, das doenças, constitui-se como uma estratégia biopolítica, que tenta a todo instante normalizar e gerenciar os riscos dos indivíduos no âmbito social, “o corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica” (FOUCAULT, 1979, p.80). A nomenclatura dos riscos e sintomas da doença gera o medo da epidemia, e lhe colocam sob a importância social e legítima dos saberes médicos, sob o domínio do especialista, como é orientado na cartilha, “é importante procurar sempre orientação de profissional qualificado” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p.25).

O cuidado permanente consigo, constituem o campo das representações de saber-poder que redimensionam a necessidade cultural de corpo, cuidados nutricionais, com a beleza, estética, regimes alimentares, programas de prolongamento da vida, são a preocupação moderna, a autoconsciência do ser saudável pelo cuidado e controle do corpo, tornou-se a utopia apolítica da nova sociedade, o importante é estar em boa saúde.

O autmelhoramento individual autodisciplinado na procura da saúde e perfeição corporal tornou-se a forma dos indivíduos exprimirem a sua capacidade de agência a autonomia em conformidade com as demandas do mundo competitivo (ORTEGA, 2003, p.91).

E para o doente de AIDS, não é diferente, as atividades e exercícios físicos também fazem parte do seu cronograma diários, respeitando horários e trajés, de forma sorridente, demonstrando o cuidado com a aparência, adornos e maquiagem para a beleza de um corpo saudável e uma representação jovial, como na figura abaixo:



Figura 03. Atividade física. pg. 57

O corpo disciplinado foi inventado pela sociedade do espetáculo que o utiliza, produz e reproduz como objeto útil, necessário e obediente, “ao corpo se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2001, p.117). A punição efetiva, antes somente sobre o corpo, evidenciando suas entranhas, agora age sobre a alma, a conduta, assim, é a vida que surge como novo objeto de poder da sociedade de controle.

É preciso corrigir, reeducar-se, purificar-se através de técnicas disciplinares para o bem-estar da sociedade, sob o velho mito “conhece-te a ti mesmo”, para saber de suas obrigações e punições. Pois, “para que o autoconhecimento seja possível, então, se requer uma certa exteriorização da própria imagem, um algo exterior, convertido em objeto, no qual a pessoa possa ver a si mesma” (LARROSA, 1995, p.59).

Os processos de significação pelos quais o corpo tem sido narrado permitem percebê-lo como lugar da história, e entendê-lo como foi fabricado no seu cotidiano. Isso quer dizer que o corpo não tem em si mesmo um lugar intrínseco, ele é um conjunto de signos, de representações que, por meio de múltiplas estratégias, buscam “fixar” uma identidade sobre ele. Assim, as relações de poder atuam sobre os corpos, em determinados contextos, produzindo efeitos de sentido, produzindo identidades sociais, culturais, de gênero particulares.

Todos esses discursos, rituais de poder, organização, produzem a vida social sobre o corpo, constituindo uma genealogia sobre ele e a história que o articula, marca e o enuncia, trazendo Maia (2003, p.81): “A genealogia descreve os efeitos: a produção de almas, de idéias, de saber, de moral, ou seja, produção de um poder que se conduz sobre outras formas. O poder ao mesmo tempo é causa e efeito”.

Deste modo, não há, em nenhuma época, uma representação homogênea que serve para categorizar, indistintamente, todos os corpos, pois cabe salientar que temos acesso aos seus significados de uma determinada maneira, porque foram representados, para nós, de certa forma e não de outras. Os sentidos são atribuídos na cultura, através das relações sociais; eles não são de certa forma desde sempre.

O que se percebe é que as representações são inventadas, produzidas e que, por sua afirmação, tornam-se hegemônicas e hierarquizam os sujeitos na escala social, de acordo com diversos atravessamentos como de gênero, classe, etnia, geração, dentre outros. As representações circulam na esfera do social e legitimam o direito de capturar, nomear, enfim, de representar os sujeitos; representação esta entendida como um modo de produzir significados na cultura, os quais são produzidos através da linguagem e implicam relações de poder.

## 5. ANOTAÇÕES

No final da cartilha, há o item anotações para que o seu leitor possa usar, rabiscar, apontar, marcar anotações diárias para o autocontrole de seus hábitos cotidianos, sejam eles referentes à higiene, saúde, alimentação, exercícios físicos, cuidados com o corpo,

horários de medicamentos, etc. Como todo manual, irá prescrever condutas e práticas que serão usadas como um protocolo a seguir em nome da manutenção da saúde e controle do sujeito portador de HIV/AIDS. Como indicam CECCHIM & CUNHA (2007, p. 5), historicamente tem a função de,

(...) colocar à disposição dos leitores conselhos e regras que visariam transmitir cuidados que deveriam ser seguidos nos espaços públicos e privados, procurando internalizar, pela leitura, normas e preceitos de controle social tanto pela gestão dos corpos e almas como por um conjunto de regras sobre como portar-se com dignidade, cortesia e elegância, próprias de uma existência civilizada.

A preocupação com o processo disciplinar dos corpos dos sujeitos, através de discursos médicos-higienistas fazem parte da nossa sociedade desde o projeto progressista e modernizador da elite governante,

Nesse empreendimento, médicos, higienistas e sanitaristas, investidos da autoridade da ciência, apresentar-se-ão como os mais abalizados artífices-detendores de um saber capaz de dar respostas às necessidades de higienização da cidade, de crescimento econômico do país e de formação de trabalhadores saudáveis, física e moralmente ( ROCHA, 2002, p. 6).

Esses discursos perpassam os manuais, escritos, legislações, os quais ao longo da história constituindo formas de saber-poder legitimando representações que povoam o imaginário social acerca do corpo, suas doenças, estigmas, potencialidades, desvios, estética, consumo.

Os processos de vigilância, normalização e medicalização do corpo produziram diferentes tipos de subjetivação, controle e moralização dos sujeitos em nome de uma normalidade nutricional, cuidados com o corpo, representações de gênero como no caso da cartilha aqui analisada.

Além disso, determinadas atitudes e comportamentos são delegados ao sujeito portador de HIV/AIDS; seja ele homem ou mulher, tornando seu corpo alvo de discursos

referentes a um regime alimentar de vigilância e controle diários em nome da aparência saudável e invisibilidade da doença frente à sociedade.

A vida cotidiana do portador de HIV/AIDS é representada pelas imagens como pelos discursos da cartilha, como uma luta, uma batalha para com seu corpo, sua saúde, seus hábitos alimentares, contra a doença e seus estigmas, “não é mais a vida, não é mais a morte, é a produção de uma sobrevivida modulável e virtualmente infinita que constitui a prestação decisiva do biopoder de nosso tempo ( PELBART, 2007, p. 180).

No período de publicação da revista, havia uma grande preocupação com o avanço da epidemia, aumentando as formas e as estratégias para a divulgação de campanhas de prevenção da AIDS:

<b>No. de pessoas que vivem com HIV/AIDS</b>	No mundo	No Brasil	Em Florianópolis	Faixa etária
<b>1980 a 2006</b>	39,5 milhões	474.273	3.209	20 a 49 anos

Fonte: <http://gavi.webnode.com.br/prevencao/aids-em-numeros/>

São diversos os manuais indicados para portadores de HIV/AIDS e que podem ser encontrados em escolas, bibliotecas públicas, sites do Ministério da Saúde, tais como: Vigilância do HIV no Brasil. Novas Diretrizes (2002); Manual de HIV/AIDS (2000); Manual para legisladores sobre SIDA (2003); Recomendações para a prática de atividades físicas para pessoas vivendo com HIV/AIDS (2012); Cuidando de alguém com AIDS, 1994; Guia de nutrição em AIDS, fascículos 1 e 2, s.d.

É preciso questionar tanto os materiais que ensinamos, a forma como ensinamos e quais os sentidos que damos aos conteúdos, atentos a linguagem empregada em tais metodologias, seus poderes, lugares, contextos, regras que se inscrevem no jogo persuasivo e ideológico que marcam identidades e corpos.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Grazielle Regina. Prevenção e noção de risco a partir da AIDS: considerações sobre a biopolítica. **Anais**. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escrita da História: Ver- Sentir- Narrar. UFPI, Teresina-PI, 2012. p. 1-13.
- CECCHIM, Cristiane & CUNHA, Maria Teresa S. Tenha modos! Educação e sociabilidade em manuais de civilidade e etiqueta (1900-1960). **Anais**. X Simpósio internacional. Processo Civilizador. UNICAMP. São Paulo, Campinas. p. 1- 11.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.
- CORBIN, Jean-Jacques C. & VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Trad. e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Trad. Maria Teresa da Costa Albuquerque. 6ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade II**. O uso dos prazeres. 6. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. RJ: Zahar, 1982.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e da educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes. 1995. p.35-86
- LOCKMANN, Kamila & BRODT, Roberta Monteiro. Nomeação e medicalização da anormalidade como estratégias biopolíticas. **Anais**. Seminário internacional de educação medicalizada. UNIP- São Paulo, 2010. p. 228-248.
- MAIA, Antônio. Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: **O homem-máquina**. A ciência manipula o corpo. SP: Companhia das Letras, 2003, p.77-102.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Programa Nacional de DST e AIDS. **Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV/AIDS**. Brasília, D.F., 2006.77p.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bioascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B.Lacerda; VEIGA NETO, Alfredo (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.139-173.

\_\_\_\_\_. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface-Comunic., Saúde, Educ.**, v.08,n,14,p.09-20.set,2003/2004.

PELBART, P. Vida nua, vida besta, uma vida. In: A.B.G. Kroef e S.C. Medeiros (orgs.). **Conversações internacionais**. Paisagem da educação. POA: Secretaria Municipal de Educação. 2007, p.177-192.

ROCHA, Heloísa Pimenta. Pedagogia da boa higiene: uma leitura do discurso médico-pedagógico nos anos 20. **Educação online**, 2002, p. 28.

REVEL, Jacques; PETER, Jean Pierre. O corpo- o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. RJ: Francisco Alves, 1995.

SILVA, Cristiani Beretta. **As fissuras na construção do “novo homem” e da “nova mulher”**- Relações de gênero e subjetividades no devir MST.1979-2000. Tese (Doutorado em História). PPGH/UFSC, Florianópolis, 2003.

STEPHANOU, Maria. Saúde, Higiene e Civilidade em manuais. **Anais**. III Congresso Brasileiro de História da Educação. Educação escolar em perspectiva histórica. PUCPR, Curitiba. 2004, p.1-16.

VIGARELLO, George. **O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média**. Lisboa, Editorial Fragmentos, 1988.